

INTRODUÇÃO

Desde o início de minha carreira profissional há uma questão de fundo que me acompanha, questão mal formulada, dúbia, nebulosa e, quiçá um pouco subversiva à época. Sempre apresentada como um incômodo, como algo que me questionava, mas sem ter um esclarecimento maior que me ajudasse a formular bem o problema e, sobretudo encontrar caminhos para ajudar a solucioná-lo através de uma ação no mundo. Hoje talvez a consiga formular de maneira um pouco mais clara.

Ao conviver com os resultados nefastos do trabalho com relação à saúde do trabalhador, afinal de contas, ser médico do trabalho, apesar de ter a prerrogativa de atuar na prevenção, no mais das vezes, estava confrontado com a desolação do sofrimento, da doença, do acidente de trabalho. Sempre custei a acreditar que o trabalho é apenas nefasto para o ser humano, apesar de suas origens estarem imersas no sofrimento, na pena, na violência, na escravidão. Material empírico, sobretudo aquele resultante da minha vivência frente a várias situações de trabalho onde pude ter alguma atuação, para esta tese, ainda mal formulada à época, sempre houve. Isto porque havia sempre um sentimento de que eu estava trabalhando, como qualquer outro trabalhador com o qual teria tido contato; nesta perspectiva hoje posso dizer com mais clareza, sempre me senti como protagonista. Será que todos sentem algo semelhante? Será que isto, de alguma maneira, é simbolizado com um termo igual, semelhante, equivalente para todos, será que todos seriam protagonistas?

Ser protagonista no seu trabalho é um privilégio de poucos ou seria inerente ao fato de trabalhar, então todos o seriam? Isto porque considero a centralidade do trabalho como um conceito chave, central na vida dos sujeitos, oriundo das propostas de Dejours, na psicodinâmica do trabalho. Ou ainda, seria esta, como afirma Murphy (1993), uma situação onde se expressam melhor as injustiças e a desigualdade humana, isto é, a divisão do trabalho, sobretudo quando se trata do fazer algo interessante, desafiador, que seja um processo de construção do sujeito. Todavia, no que aqui é defendido isto não eliminaria a questão central, mesmo que não haja um reconhecimento da parte dos outros, fato que comprometeria a para o sujeito a sua identificação com o trabalho.

Não gostaria de transformar este texto em um relato que trataria da minha história, mas sim, traçar relações, entre aspectos do meu vivido, com a produção de conhecimento, e em debate com o que há de proposições no mundo da produção. Falo em mundo da produção e não em mundo do trabalho pois, aparentemente de modo hegemônico e progressivo, o trabalho foi sendo colocado de lado nas discussões sobre as maneiras de produzir. Há movimentos, incluindo

algumas escolas que tratam do tema das organizações, onde o trabalho é foco central, como as, da Ergonomia, da Psicodinâmica do Trabalho, da Ergologia, do Agir Organizacional, da Clínica da Atividade, da Escola Sociotécnica. Este trabalho, em consonância com a minha trajetória está centrado nas duas primeiras escolas de pensamento citadas.

Neste caso, estamos falando do trabalhar como uma ação de protagonista como um pressuposto fundamental, centrado na possibilidade de se trilhar um caminho em direção à emancipação, ao desenvolvimento profissional, à realização de si, à construção de valores ético-morais, enfim da construção do sujeito, em contraponto a uma visão reificada do ser humano no trabalho.

Morin (1990), propõe que o conceito de sujeito no caso do ser humano surge o evento da consciência. Todavia ele não utiliza sujeito exclusivamente para o ser humano, mas para tudo que é vivo. No seu ponto de vista a questão do indivíduo, reveste da questão da unicidade, da singularidade, da questão de não ser o outro, incluindo aspectos imunológicos. Seria um sujeito auto-referente e capaz de tratar a informação que obtém no meio externo.

No caso aqui discutido, o sujeito é protagonista quer queira ou não, uma vez que trata-se de sua vida, e o trabalho seria inerente a sua existência, fundamental para a vida em sociedade. Poderíamos adotar a ideia que seria uma relação de si consigo mesmo, sempre modulada e dependente da relação com o outro. Este outro, no caso do trabalho, pode ser representado pelos colegas, pela hierarquia, pelos clientes.

Por outro lado, haveria um protagonismo do trabalho na produção? No ponto de vista que é defendido aqui, sim. Não há produção sem trabalho, seja ela de que natureza for, em que nível a pessoa se situa em termos da hierarquia, e em qual modalidade técnica se insere. Uma produção, só de automatismos, não existe. Mesmo que se pudesse vislumbrar uma produção automática em alguma empresa, ela nunca existiria por si só, sem a existência do trabalho de alguém, desde o projeto, a implantação, a operação, a manutenção, uma transformação ou ainda uma desmontagem.

Assim, a tese a ser defendida aqui, na realidade são duas: *“todo trabalhador é protagonista no seu trabalho e o trabalho é protagonista na produção”*